

Agosta
6/11/98
Kanabi 102

A revolta indígena

A própria Funai (Fundação Nacional do Índio) reconhece: o Parque Nacional do Xingu é uma área que vive sob a constante ameaça de agressão. Ilhada por várias cidades e localidades urbanas ou rurais, cujas atividades econômicas se assentam na agricultura e no extrativismo (pesca, madeira e garimpo) e distante dos grandes centros de decisão política, a maior reserva indígena do país é tão “frágil quanto uma casca de ovo”.

Dado a sua dimensão (é maior que muitos países europeus), o Parque Nacional do Xingu tem uma precária fiscalização. Os postos da Funai, em alguns pontos estratégicos não garantem (e pouco têm esta função) a segurança, não evitam que intrusos adentrem na reserva e provoquem todo tipo de degradação. O impacto dessas invasões sobre as várias etnias indígenas que habitam o parque é bastante profundo: doenças, poluição das florestas e rios, desmatamento, queimadas, assoreamento e contaminação dos rios. As seqüelas são sentidas pelos silvícolas há anos – por que não dizer: há décadas. Por isso que é compreensível a revolta das ín-

dios quando suas terras são invadidas. A tomada dos oito reféns no início da semana é mais uma expressão dessa revolta. Constantemente acontecem – noticiadas ou não – reações dos indígenas contra os agressões. Nos confrontos, invariavelmente, eles levam a pior. Como vêm levando há quase 500 anos. Há que se repudiar qualquer tipo de violência. Venha de onde vier. Mas é necessário entender que os índios tomaram para si uma forma de protestar radical quando já se tornaram sectários os sentimentos em relação ao descaso em que vivem.

Mato Grosso e o Brasil deveriam ter orgulho de abrigar uma das maiores reservas florestais e indígenas do mundo e, conduzindo por tal sentimento, lutar para que ela seja preservada. E, ainda, contribuir para que a cultura e a vida indígena persistam, permitindo que os índios possam crescer social e economicamente, observando-se o resguardo dos ecossistemas e os princípios do desenvolvimento sustentável. Se tal fosse feito, aos olhos do mundo, poderíamos, de fato, nos considerar e alardear que somos uma nação civilizada e temos a perspectiva do desenvolvimento.